



## Tecnologias digitais móveis e ensino de línguas: entrevista com Vilson José Leffa

Por Rodrigo Camargo Aragão e Dánie Marcelo de Jesus

Nesta entrevista, Vilson José Leffa, professor titular da Universidade Católica de Pelotas-RS, pesquisador com bolsa de produtividade em pesquisa no CNPQ, aborda temas relacionados à tecnologia e ao ensino e aprendizagem de língua. O entrevistado é reconhecido na comunidade científica nacional e internacional por seu trabalho consistente na interface língua e tecnologias digitais.



**Polifonia** – *Prof. Leffa, vemos que, mais recentemente, uma de suas temáticas de pesquisa tem sido a produção de Recursos Educacionais Abertos (REA). Ao longo de sua carreira, você tem se debruçado sobre as questões de autonomia no ensino-aprendizagem e produção de materiais didáticos online. Quais os impactos dos REA nessa questão da autonomia? Qual é a inter-relação entre REA, mobilidade digital e colaboração em massa?*

**Vilson José Leffa** – O conceito de REA envolve três aspectos importantes. Em primeiro lugar, é um recurso, ou seja, um instrumento, uma ferramenta que usamos para atingir um determinado objetivo: essa ferramenta pode ser um texto, uma imagem, um vídeo, ou qualquer outro objeto que sirva de meio para se chegar a esse objetivo. Em segundo lugar, o objetivo é algo que se pretende construir no aluno; trata-se, portanto, de um objetivo que tenha um conteúdo educacional. Não é apenas um texto ou vídeo; é um texto ou um vídeo que tenha embutido nele um componente de aprendizagem, que vai produzir uma transformação no aluno. E, por último, esse recurso educacional tem a característica especial de ser aberto, com duas acepções importantes aqui: acessibilidade e adaptabilidade. É aberto porque é acessível a todos, sem restrições financeiras, operacionais ou geográficas: qualquer aluno – rico ou pobre – com qualquer dispositivo – *smartphone* ou computador – e de qualquer lugar – meio urbano ou rural – deve ter condições de acessar o REA. Mas é também aberto porque é adaptável, ou seja, responsivo ao dispositivo em que se materializa e ao sujeito a que se destina. Um REA de qualidade



adapta-se automaticamente à tela de um *smartphone*, de um *tablet* ou de um computador. Mas adapta-se também aos interesses e necessidades do aluno, com a ajuda do professor. Resumindo: REA é um recurso, é educacional e é aberto. A beleza do REA está também na escolha de cada palavra que o define.

O REA na sociedade em rede, da qual estamos nos aproximando, tem um baixíssimo custo de produção, praticamente zero, o que mostra sua importância e traz a necessidade de preparar o professor para produzir seus próprios materiais de ensino. Alguns vão achar que o material produzido pelo professor não tem a qualidade do material produzido pelos editores profissionais. Eu vejo diferente: poderão não ter o acabamento esperado por alguns, mas trazem uma vantagem maior, que é facilidade de adaptação ao contexto de uso, justamente por serem abertos. É claro que dá trabalho, e daí a importância da coautoria de materiais e da colaboração entre os professores. Na filosofia dos REA, usando os princípios da *Creative Commons*, qualquer material didático pode ser modificado, adaptado e redistribuído. O professor tem uma tradição histórica de submissão, principalmente ao uso de material didático, muitas vezes contrário a sua filosofia de ensino. Outras vezes, essa submissão me parece induzida de cima para baixo, criando no professor uma dependência autoimposta. A adoção dos REA pode ser uma maneira de alcançar sua emancipação, não sozinho, mas pela coautoria com outros professores, com possibilidades de ampliar o círculo e talvez um dia chegar ao nível da colaboração em massa. Para mim, a concepção dos REA é a ideia mais revolucionária do ensino de línguas nos últimos anos.

**Polifonia** – *Observamos o quanto as pessoas estão usando os smartphones no seu cotidiano para realizar diversas tarefas. Notamos como, por exemplo, as pessoas priorizam o uso de aplicativos de mensagem instantânea ao invés da própria chamada de telefone. Como você vê o papel desempenhado por aplicativos de comunicação em tecnologia móvel na relação que temos com a linguagem? Ainda aqui, que desafios teórico-metodológicos essa relação nos apresenta para pesquisas em Linguística Aplicada?*

**Vilson José Leffa** – O *smartphone* pode ser usado e funciona muito bem com voz, imagens e vídeo. Podemos facilmente gravar e transmitir o que dizemos e o que vemos, com possibilidade, inclusive, de manter tudo armazenado na memória do dispositivo, para ser revisto e ouvido quantas vezes quisermos mais tarde, seja para procurar algum detalhe ou simplesmente matar nossa saudade. Com algum cuidado, nada se perde no *smartphone*, podendo também ser modificado se assim o desejarmos.

O único problema, por enquanto, é a inserção do texto verbal escrito; é muito mais fácil gravar um vídeo de alta qualidade do que escrever um texto. Tentei, algumas vezes, usar o Word no *smartphone*, mas acabei desistindo pelas dificuldades com o teclado virtual. Tentei também usar um programa de reconhecimento de voz, mas não me senti muito confortável falando para o celular, principalmente quando em salas de espera com público em volta. O que me soava natural para a gravação de uma mensagem rápida



no *WhatsApp*, ficava estranho com um texto mais longo e formal. Eu não conseguia me concentrar e acabei desistindo da ideia de usar o Word no celular.

Talvez mudemos com o tempo e o uso diário do texto escrito desapareça, mas, por enquanto, ainda somos muito dependentes dele, continuando a conviver com a dificuldade do teclado virtual e da tela reduzida do *smartphone*; ou pelo menos até que alguém invente algum sistema holográfico de projeção no espaço que facilite interação escrita. O texto verbal escrito, por lidar com caracteres simbólicos, facilita a interpretação da máquina. Quando faço uma pergunta em voz alta ao Google, a pergunta é primeiro transcrita para depois ser respondida. A voz que me responde obviamente não entende o que está dizendo, mas, pelo que foi transcrito, consegue relacionar uma coisa com a outra. Acho que esse é o principal desafio que temos a enfrentar em relação à aprendizagem de línguas com o uso dos disponíveis móveis: resolver a questão do texto verbal escrito, ou abandoná-lo de vez, ficando apenas com a voz. A escrita ficaria escondida dentro da máquina, fazendo parte de sua linguagem de programação.

**Polifonia** – *Prof. Leffa, em um texto sobre o passado, o presente e o futuro do ensino de línguas (LEFFA, 2012), você indica uma mudança radical no papel do professor no presente-futuro, que passa a trabalhar na invisibilidade. Sua previsão é que o professor futuramente desaparecerá na invisibilidade. Como o conceito de ubiquidade, presente na relação com as tecnologias digitais de comunicação móvel, e a ideia de aprender em qualquer tempo e qualquer lugar se relacionam com essa previsão para o futuro do professor?*

**Wilson José Leffa** – Gosto de ver o professor como um meio, como um recurso de mediação que o aluno usa para chegar a um objetivo, a um fim. O recurso na aprendizagem não pode ficar entre o aluno e o objeto de conhecimento; vai acabar escondendo o objetivo do aluno e atrapalhando a aprendizagem. O professor deve ficar ao lado do aluno ou atrás dele, como um técnico de futebol que treina das margens, deixando os jogadores no campo; como o diretor de uma peça de teatro que orienta dos bastidores, deixando os atores no palco. É óbvio que nada há de novo nisso. Quando falo da invisibilidade do professor, estou, na verdade, retomando algo que vem de muito longe, no mínimo desde a antiguidade grega, quando o preceptor peripateticamente caminhava atrás do aluno, tentando responder a suas perguntas.

A frase da língua inglesa que o professor deve ser “not a sage on the stage, but a guide on the side” é também mais um exemplo dessa tradição.

Na aprendizagem ubíqua, acontece a multiplicação do professor, que surge em diferentes tempos e lugares, dando a impressão de que sua visibilidade aumenta. Eu não vejo assim. Quando isso acontece, é porque algo saiu errado. Se distribuo um vídeo para meus alunos e eles prestam atenção apenas em detalhes da minha aparência e não naquilo que, em linguagem bem simples, eu estava tentando passar a eles, então eu apenas obstruí com minha presença aquilo que deveria ter sido mostrado. Os dispositivos



móveis podem multiplicar nossa ação como professores, mas para isso precisamos aprender a ser transparentes, invisíveis, deixando o aluno a ver aquilo que interessa a ele, o conhecimento que ele precisa construir. Isso pode até levar algum tempo, tanto para o professor como para o aluno, mas é necessário que o estranhamento inicial, quando acontece, seja logo superado pela prática do instrumento. É preciso olhar e ouvir além do que vemos e escutamos, idealmente com total transparência e sem qualquer ruído do instrumento que estiver sendo usado, seja o próprio dispositivo móvel ou o professor que se projeta nele.

**Polifonia** – *Ainda aqui, nessa linha temática, seu livro clássico, O professor de línguas estrangeiras (2001): construindo a profissão, em breve completará duas décadas. Gostaríamos que falasse um pouco sobre a profissão do professor de línguas à luz do momento histórico em que vivemos, que inclusive tem nos mostrado desafios cada vez maiores para a profissão na Educação Básica e no Ensino Superior.*

**Vilson José Leffa** – Para mim, o maior desafio continua sendo preparar o aluno para um mundo que não conhecemos, um desafio que é ainda maior para o aluno da Educação Básica, cujo futuro, como profissional, está ainda mais distante. O que aprendi ao longo da vida é que quanto mais precisamos prever o futuro, mais imprevisível ele se torna. Me ensinaram que, para prever o futuro, bastava olhar para o passado, porque a vida se repetia. Mas agora não é mais assim, como todos sabemos. Chega a ser difícil saber o que devemos trazer do passado que possa ser útil para o futuro. Eu achava que alguns valores, como bondade, beleza e justiça eram essenciais e deveriam permanecer, mas também já não tenho tanta certeza disso. Tudo muda, como cantava Mercedes Sosa em uma de suas canções, e o que era bom, belo e justo ontem poderá não ser mais bom, belo e justo hoje. É assustador.

O problema, para mim, é a relação com o outro, muitas vezes visto como o inimigo, que está lá na nossa frente, ou acima de nós, para nos prejudicar. Se o outro é o falante de uma língua dominante, como o inglês, por exemplo, a coisa fica ainda mais complicada: corremos o risco de ser ingenuamente seduzidos e explorados por uma cultura estranha à nossa. Quando somos convencidos de que não passamos de marionetes assujeitados por injunções históricas, abrimos mão de nossa responsabilidade social e jogamos nos outros a culpa de todos os males, nossos e da sociedade. Numa cultura de ódio, fica difícil olhar para o outro e aceitar a ideia de que somos socialmente responsáveis por ele, seja ele quem for, brasileiro ou estrangeiro. Talvez mais difícil ainda seja depois olhar para nós mesmos e reconhecer que podemos ser melhores do que já somos.

O professor vive numa corda bamba entre os valores que precisam ser preservados do passado e as inovações que precisam ser introduzidas para o futuro, mantendo, às vezes, um equilíbrio precário entre os dois lados. Se olhar só para o passado, não vai permitir que a História caminhe e a geração a que pertence será igual à geração que a precede. Se olhar só para a frente e para as mudanças que precisam ser feitas, ficará também



estagnado pela resistência que encontrará nos outros, que não querem abandonar sua zona de conforto ou mesmo seus privilégios. Tentar esquecer o passado, pensando só no futuro, ou refugiar-se apenas no passado produzem ambos o mesmo efeito de uma tentativa de eliminar o futuro, repetindo eternamente o mesmo gesto.

**Polifonia** – *Retomando nossa conversa sobre tecnologias móveis, a integração do smartphone à educação, de maneira geral, e ao ensino-aprendizagem de línguas, mais particularmente, pode ter o potencial de romper com paradigmas pedagógicos tradicionais. No texto “Entre a carência e a profusão: Aprendizagem de línguas mediada por telefone celular” (ALDA; LEFFA, 2014), vocês indicam, por meio de uma meta-análise qualitativa, que o uso do celular se destaca na motivação dos alunos na aprendizagem, mas que temos pela frente desafios didáticos. Nesse mesmo artigo, vocês apontam como a aprendizagem móvel é mais significativa quando ocorre fora do ambiente formal de sala de aula e em ambientes autênticos. A partir desses apontamentos, como você avalia os desafios e as limitações dessa perspectiva para a escola e a universidade que temos hoje, que se mantêm baseadas na ideia de que ensino-aprendizagem deve se dar em uma sala de aula física, que reúne todos e todas em uma mesmo lugar e em um mesmo tempo, naquilo que Sibilia (2012) denomina, por exemplo, de escola-fábrica ou escola de confinamento ao fazer a distinção entre escola-paredes e redes digitais. Também gostaria que falasse um pouco dessa questão do impacto do domínio afetivo como a motivação para a aprendizagem de línguas com o smartphone.*

**Wilson José Leffa** – Está aumentando o interesse pelo que o aluno aprende fora de sala de aula. Parece que não temos ainda ideia do que ele está aprendendo nesses espaços abertos, mas, seja o que for, já percebemos que não é pouca coisa. Mesmo considerando apenas o conteúdo acadêmico, cuja aprendizagem parece pouco provável de vicejar fora da escola, não raro encontramos alunos com um domínio, por exemplo, da língua estrangeira que vai não só muito além do que é dado na sala de aula pelo professor, mas, em alguns casos, até além do que o professor sabe.

O medo de que o aluno, fora da sala de aula, aprenda o que não gostaríamos que aprendesse certamente se justifica, mas o que acontece dentro da sala de aula, não é muito diferente, tanto em termos de quantidade como de qualidade. Ao contrário do que muitas vezes ouço por aí, acredito que o aluno aprende muito dentro da escola, muito além do que percebemos e medimos. Há, no entanto, uma ressalva a ser feita: nem sempre é a aprendizagem que esperamos ou desejamos. Em outras palavras, a escola não consegue ter controle do que o aluno aprende dentro da sala de aula. Há um currículo oculto, que, apesar de recessivo, é paradoxalmente dominante. Não é a reclusão do aluno dentro de quatro paredes que garantirá o conteúdo a ser aprendido e blindará o estudante do que deve ser evitado.

O lado bom é a possibilidade de que os dispositivos móveis, pelo rompimento das barreiras espaciais e mesmo temporais, possam propiciar a aprendizagem do que se



deseja, tanto dentro como fora da escola. A questão, como já vimos, não é tecnológica; os recursos estão todos aí, seguramente tornando o celular a mais inclusiva das tecnologias. A questão é pedagógica e, portanto, da alçada do professor e da escola. Não tem como segurar a aquisição do conhecimento dentro das quatro paredes da sala de aula. Já estamos vivendo o conceito de *cidade educadora*. Isso aumenta a importância do papel do professor, que tem a oportunidade de ampliar sua ação pedagógica, tanto no tempo como no espaço.

**Polifonia** – *Pesquisas recentes do estado da arte sobre ensino de línguas mediado por dispositivos móveis têm sugerido a importância de aumentar o uso de aplicativos de interação linguística oral e multimodal no WhatsApp para realizar atividades com estudantes. Como você avalia o potencial de aplicativos como o WhatsApp ou o Telegram para o ensino-aprendizagem de línguas?*

**Wilson José Leffa** – Durante muito tempo, o maior problema no ensino de línguas estrangeiras foi a ausência de um interlocutor autêntico para o aluno. Ele, nas melhores condições, tinha acesso aos livros, à imprensa escrita, com jornais e revistas, ao rádio, ao cinema, à televisão, depois da transmissão via satélite, mas era apenas receptor, destinatário da mensagem. Em termos de comunicação, tínhamos apenas uma propagação de conteúdo que se transmitia, em mão única, do centro para a periferia, sem possibilidade de retorno por parte do aluno, que não tinha como chegar ao status de emissor. Como o aluno não tinha voz, não havia diálogo, criando-se um problema sério para a aquisição da língua, que, em condições normais de uso, pressupõe alguém do outro lado.

O grande potencial de aplicativos como o *WhatsApp* e o *Telegram* é propiciar um interlocutor autêntico para o aluno. Em algum lugar do planeta, deve existir alguém interessado em aprender a minha língua e que fale uma língua que eu também esteja interessado em aprender. Eu ensino minha língua para ele e ele ensina a língua dele para mim. Simples assim.

É claro que isso não é novidade e já vem sendo feito há algum tempo, pelo que sabemos de projetos como o Teletandem. Só que agora ficou extremamente mais fácil, descomplicado e praticamente sem custos para o aluno. A meu ver, para deslanchar, precisa apenas de um pontapé inicial, que pode ser dado pelo professor, sugerindo e ajudando os alunos a formar um grupo no *WhatsApp*. Nunca foi tão fácil aprender uma língua estrangeira.

Talvez o único perigo seja achar que agora, com essas facilidades, todos os problemas do ensino de línguas estejam resolvidos. Também não é assim. Sabemos que uma panaceia não existe. *WhatsApp*, *Telegram*, Teletandem, Duolingo, o que for, poderá contribuir bastante para a aprendizagem do aluno, mas vai funcionar como um complemento da sala de aula, juntos com outros elementos.



**Polifonia** – No seu texto *“Aprendizagem de línguas mediada por telefone celular”* (ALDA; LEFFA, 2014), você aponta que *“o telefone celular é provavelmente a mais inclusiva das tecnologias”*. Recentemente, Rodrigo Aragão orientou um trabalho com estudantes surdos que usaram smartphones (DANTAS, 2015) e participou de uma defesa sobre letramentos críticos com memes (SANTOS, 2017). Como você vê a perspectiva da mobilidade digital para o desenvolvimento de projetos de inclusão e o trabalho com letramentos críticos?

**Vilson José Leffa** – O potencial de inclusão social do telefone celular fecha com a ideia de abertura dos Recursos Educacionais Abertos, como falei no início. Essa abertura leva à facilidade de acesso à informação, com menos barreiras financeiras, operacionais e mesmo geográficas. É óbvio que informação não é conhecimento; em termos bem simples, é apenas aquilo que está lá fora e para chegar ao nível do conhecimento precisa passar por algumas etapas. A meu ver, o desenvolvimento desse tipo de saber envolve três momentos. No primeiro, a informação existe como dado, algo que está lá fora, externo ao sujeito e independente dele, armazenado em algum dispositivo, abrigado na sociedade ou até livre na natureza, mas de modo mais ou menos encoberto. Da mesma maneira que a natureza, fazendo aqui uma adaptação das palavras de Heráclio, a informação ama esconder-se. No segundo momento, o dado é mostrado ao sujeito, com maior ou menor interferência interpretativa, o que pode desfigurar, em maior ou menor grau, a informação passada, apresentando armadilhas das quais o sujeito deve precaver-se. No terceiro e último momento, algum aspecto da informação consegue passar pelos filtros afetivos e cognitivos do sujeito e fica incorporado ao seu conhecimento prévio. A grosso modo, entendo como filtro afetivo aquilo que é rejeitado, e cognitivo aquilo que não é percebido pelo sujeito. O conhecimento, enfim, não é estático, mas extremamente dinâmico, mudando com o tempo e de acordo com as informações que entram.

Por outro lado, a tecnologia assistiva já é também uma realidade. Celulares para deficientes visuais e auditivos, cegos e surdos podem ser adquiridos com facilidade. A cada dia surgem novos aplicativos para a leitura de texto escrito e transcrição de texto oral, o que deve facilitar bastante a aprendizagem dos cegos. Tudo isso contribui para ampliar o conceito de inclusão, indo além da ideia de dar condições de aprendizagem apenas aos alunos socialmente desamparados e integrar também os deficientes de qualquer natureza.

Em relação ao letramento crítico, é importante ressaltar que a linguagem não existe apenas para representar o mundo como se fosse um espelho. A linguagem cria o mundo. Se o que temos não é o que desejamos, vamos então usar a linguagem não apenas para descrever este mundo como ele é, mas para recriá-lo como deveria ser, seguindo o princípio maior da filosofia da Teoria Crítica e defendendo a ideia de que um outro mundo é possível.



## Referências

ALDA, L. S.; LEFFA, V. J. Entre a carência e a profusão: Aprendizagem de línguas mediada por telefone celular. **Conexão** (UCS), v. 13, p. 75-97, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2556> Acesso em: 29 nov. 2017.

DANTAS, R. S. **Multiletramentos, Bilinguismo e Inclusão**: Uma Experiência com Professores Ouvintes e Estudantes Surdos no Ensino Fund. II. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras: PROFLETRAS) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2015.

LEFFA, Vilson J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, p. 389-411, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2755> Acesso em: 29 nov. 2017.

LEFFA, V. J. **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT, 2001. 426p.

SANTOS, D. C. S. **Letramento Crítico na Tela do Smartphone: leitura e produção de memes**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras: PROFLETRAS) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.